|  |  |
| --- | --- |
| **Figura1** | **SENAC**  **SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM COMERCIAL**  **CENTRO DE EDUCAÇAO PROFISSIONAL – BETIM** |
|
|
| **DOCENTE:** ALISSON DE SOUZA BATISTA | **COMPONENTE**: Formação de Multiplicadores de Treinamento |

**SÓ ENSINA BEM QUEM SABE FAZER**

**Não é só o aluno que tem de desenvolver competências. O professor precisa dominar seu ofício**

No início da carreira, Tatiana Almeida Vieira sofria para despertar o interesse de sua turma de 2ª série pela leitura. Ela já tinha concluído o Magistério e freqüentava o curso de Pedagogia, quando percebeu que era parte do problema. "Eu não gostava de ler", reconhece. "Eu trabalhava a leitura apenas por obrigação." Tatiana tem 24 anos, leciona na Escola Cenecista São José, em São José da Mata, interior da Paraíba, e conseguiu reverter a situação. Na verdade, ela enfrentava um problema que atinge milhares de colegas, principalmente agora, que a sociedade cobra cada vez mais — na verdade, exige que o professor ensine de uma maneira que ele mesmo não aprendeu. "Quem não adquiriu determinada competência jamais vai conseguir desenvolvê-la nos alunos", afirma Gisela Wajskop, diretora do Curso Normal Superior do Instituto Singularidades, de São Paulo.

Essa dificuldade é comum porque a maioria dos docentes foi formada apenas para transmitir informações, sem desenvolver as habilidades dos estudantes. Só que a escola mudou. "Portanto, cabe a nós, educadores, mudar também", afirma Marcos Masetto, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. No dia-a-dia, isso inclui dominar competências básicas, como buscar informações ou ler com desenvoltura.

No caso de Tatiana, a euforia por ter passado no vestibular foi um estímulo para estudar mais. "Eu queria crescer", lembra. Em conversas com professores, ela pedia sugestões de textos e livros. Com base nessas leituras, foi modificando a forma de pensar. "Sonho em ser uma profissional atualizada e percebi que ler é o caminho para chegar lá." A determinação provocou um efeito colateral. Na sala de aula, começou a criar situações para fazer da leitura algo útil e agradável — exatamente como havia se tornado para ela. Como? "Procuro entender os interesses da turma", ensina.

As crianças adoravam música. Tatiana, então, ensinou que era possível aprender as letras lendo os encartes dos CDs. Além disso, os gibis, verdadeira paixão da moçada, passaram a freqüentar as aulas. Ela conta, orgulhosa, que a leitura deixou de ser obrigação para grande parte dos estudantes. "Eles sabem buscar as informações de que necessitam e se divertem com textos, tanto na escola como em casa", diz. "Percebi que quando você gosta de algo, transmite isso para a classe naturalmente."

Para garantir esse aprimoramento, um passo foi fundamental: a auto-avaliação. "O professor precisa ter consciência das capacidades que possui e das que lhe faltam", afirma Masetto. NOVA ESCOLA selecionou seis competências essenciais para todo educador e meios para que você comece a desenvolvê-las já, caso ainda não as possua. Avalie sua situação e, se perceber dificuldades, não se aflija. Tanto Masetto como Gisela garantem que sua formação pode ser feita junto com a dos alunos.

**Ler e escrever**

Para ser um bom leitor é preciso ler muito e recorrer a fontes variadas — jornais diários, revistas e livros. Gisela Wajskop lembra que é importante estabelecer um critério de escolha do texto (por prazer ou obrigação, por exemplo). Assim, fica mais fácil emitir uma opinião sobre o material. "Isso é fundamental", garante. No que se refere à escrita, freqüência e avaliação também são pontos básicos. Escreva bastante, leia e releia em voz alta. Para praticar, a consultora Odonir Araujo de Oliveira, de São Paulo, sugere o seguinte exercício: experimente escrever a própria biografia. "Além de nos permitir repensar a vida pessoal e profissional, essa tarefa nos leva a redigir em estilo muito diferente do que usamos nos planejamentos e relatórios com os quais estamos acostumados."

**Apreciar a cultura**

Veja os filmes e as peças em cartaz, vá a shows e espetáculos de dança, conheça bailes de forró, karaokês e festas populares. Para Mirian Celeste Martins, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), em São Paulo, é preciso opinar sobre o que se viu e não se afastar daquilo que não agradou à primeira vista. "Se o espetáculo provoca estranhamento, procure mais informações sobre o tema", sugere. Segundo ela, há obras que não existem para ser amadas, mas para fazer pensar. A quem reclama da falta de dinheiro, Mirian destaca: "A TV e as locadoras de vídeo têm material de qualidade." Além disso, praças, igrejas e cemitérios refletem a cultura local. "Um bom trabalho é refletir sobre o artesanato de sua cidade. Será que ele é criativo?" Está lançado o desafio.

**Tornar-se criativo**

É necessário viver diferentes experiências e ter vários modelos, para poder criar. Você se torna mais inventivo experimentando coisas e sensações. Isso vale até na hora de resolver um problema cotidiano. Antes de optar por uma solução, abra um leque de possibilidades, evitando repetir as atitudes. Na opinião de Mirian, é importante ficar atento para observar fatos que ocorrem o tempo todo ao nosso redor e estabelecer relações. A receita dela é buscar o estranho no familiar. "Ouse, procure alternativas para os ingredientes do café da manhã, para o itinerário a seguir em direção ao trabalho ou mesmo na combinação das roupas."

**Localizar informações**

Seja curioso e passe a olhar tudo com mais atenção. Assim, você vai localizar diferentes fontes de pesquisa, muito além da internet, dos livros, das revistas, dos jornais e dos vídeos. Não hesite em consultar um morador antigo da cidade ou o padre da igreja matriz. "O professor é professor 24 horas por dia", avalia Ricardo Ribeiro, da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp em Araraquara, interior de São Paulo. "Tudo o que vê, ou mesmo as histórias que lhe são contadas, servem para alimentar o acervo pedagógico." Seus alunos nunca vão aprender a recorrer a diferentes fontes se você se vale apenas do livro didático.

**Trabalhar em grupo**

Saber pedir ajuda e ouvir são fundamentais para quem quer trabalhar em grupo. Para Gisela, é preciso aprender a escutar o que os outros falam e selecionar o que interessa. "Assim, você mantém sua individualidade", ensina. Da mesma forma, esteja disposto a ajudar quando necessário, oferecendo as informações de que os colegas necessitam e não aquelas que você quer dar. Lembre-se: as trocas só acontecem quando há objetivos comuns e a responsabilidade pelo ensino é coletiva. O que você acha de começar a conversar com quem deu aulas para seus alunos no ano passado — e com quem vai receber sua antiga turma? "Solidão é garantia de frustração", alerta Ricardo Ribeiro.

**Ser ético**

Um caminho para se tornar ético passa pela reflexão sobre ações de ordem moral e atitudes do dia-a-dia, o que inclui os conflitos entre os estudantes. Busque também ter coerência e introduza critérios de avaliação justos na sua prática cotidiana. Além disso, procure entender pressupostos éticos, como a solidariedade e a generosidade. "Alguns princípios e valores essenciais para dar base à competência ética estão presentes na Declaração Universal dos Direitos Humanos, um documento de referência", diz Ulisses Araújo, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

**Bibliografia e fonte**

**Os Direitos Humanos na Sala de Aula,** Ulisses Araújo, 144 págs., Ed. Moderna.  
<http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0149/aberto/mt_245669.shtml>

Revista Nova Escola On-line – edição 149 – jan/2002